

Arte, vaidade, um novo e diferente olhar

Art, vanity, a new and distinctive look

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

Enviado a 18 de março de 2017 e aprovado a 21 de março de 2017.

*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Gama*.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: j.queiroz@belasartes.ulisboa.pt

Resumo: Os homens morrem, a sua arte permanece, é cuidada, merece ser conhecida, ensinada, mostrada, protegida, divulgada. Neste propósito se justifica o projeto GAMA: há obras em risco de desconhecimento, outras que precisam de voltar a ser olhadas, outras ainda que não são conhecidas. Aqui se enuncia um projeto de formação artística não formal. São contextos que importa compreender. O terreno em causa é o nosso, porque falamos da identidade, da emancipação cultural, da autonomia discursiva.

Palavras chave: Revista Gama / arte / política / identidade.

Abstract: *Men die, but their art remains, and needs to be looked after, deserves to be known, taught, shown, protected and disseminated. This purpose is justified by the project Revista GAMA: there is art at risk of ignorance, or in the need to be looked over. Here lies also a non-formal artistic training project. These are contexts that matter. This is our concern, because it is a matter of identity, cultural emancipation, and discursive autonomy.*

Keywords: *Revista Gama / art / politics / identity.*

1. Arte e vaidade

Se há coisa que a arte inclua na sua definição é a sua vaidade: os homens morrem, a sua arte permanece, é cuidada, merece ser conhecida, ensinada, mostrada, protegida, divulgada.

Neste propósito se justifica o projeto GAMA: há obras em risco de desconhecimento, outras que precisam de voltar a ser olhadas, outras ainda que não são conhecidas. Tantas que não se conhecem fora da sua cidade, país. A plataforma do Congresso CSO tem permitido uma valorização, preservação, e disseminação de muitos autores através desta nova rede de artistas. As afinidades vão-se desenhando, e em 2017 apresentam-se artigos de autores brasileiros sobre artistas espanhóis, portugueses, argentinos, chilenos e vice-versa, e de novo vice-versa. Só aqui está enunciado um projeto de educação artística não formal: criação de públicos, disseminação, geração de interações, promoção de conhecimentos, deslocações, construções, interrogações.

2. Novos discursos sobre arte

Trata-se de artistas que conhecem, resgatam, promovem, outros artistas, com um olhar distinto do normal historiador, curador, colecionador: há um novo discurso sobre arte, que emerge no contexto relacional da estética (Bourriaud, 2009), na efervescência colaborativa que se observa e se descreve como instância da “viragem educativa” (O'Neil & Wilson, 2009).

Aqui se inscrevem, desde 2010, as chamadas aos artistas para esta interação. Agora, oito anos volvidos, existe um reconhecimento partilhado e um muito maior conhecimento do que cada artista pode apresentar e dar aos outros através das fronteiras e oceanos.

São contextos que importa compreender, conhecer, convocar. Os espaços carentes de discursos tornam-se anômicos, colonizados, sem identidade, uma instância da *sociedade sem relato* (García Canclini, 2010:22). O terreno em causa é o nosso, porque falamos da identidade, da emancipação cultural, da autonomia discursiva. Como ter identidade, sem reconhecimento dos discursos comunicativos? Esse é um problema que talvez ajude a compreender as manifestações associadas às subculturas, ou às movimentações em direção aos novos populismos: para além da materialidade e do aumento do consumo global, não há comunicação reconhecida das identidades existentes (Loureiro, 2016).

3. Emancipação, descolonização, e a revista Gama

Há uma carência generalizada, fora dos centros de poder, de discursos verdadeiramente emancipados que se exigem (Martín-Barbero, 2003). Aqui se encontra um dos locais para um posicionamento desta revista: aumentar a produção discursiva e emancipatória, promovendo o conhecimento e o reconhecimento qualificado de artistas e obras, num posicionamento recentrado nas

culturas do eixo ibero falante. Assim se reuniram contributos, artigos dos mais variados locais em torno de novas centralidades.

Na secção editorial deste número 9 da revista Gama publica-se um artigo de Marcos Rizolli (São Paulo, Brasil), "O registro patrimonial como arco expressivo: as fotografias de Luciano Alarkon," introduzem a transformação patrimonial em imagem autoral. Alarkon, na residência artística em N. Delhi, transforma as imagens hindus da Fundação Sanskriti em imagens de expressão rigorosa e tridimensional ao varrê-las em longa exposição com um simples raio laser incorporando novas camadas de sentido através da valorização de recursos expressivos.

Na secção de artigos originais foi selecionado um conjunto de 12 artigos. Do Rio Grande do Sul, Brasil, Alfredo Nicolaiewsky apresenta o artigo "A realidade da ficção na pintura de Carlos Alberto Petrucci" (Pelotas/RS, 1919 – Porto Alegre/RS, 2012) foi um artista que, apesar da qualidade e do sucesso da sua obra nos anos 1970, está hoje esquecido. Trata-se, neste artigo, de voltar a dar a conhecer e procurar compreender todo este enquadramento voraz.

O artigo "As elegias bordadas de Leonilson: expressões de afecto" de Hugo Bonjour, de Portugal, debruça-se sobre as peças textéis bordadas à mão, poemas visuais simples e sentidos, espólio plástico e poético do artista brasileiro José Leonilson (1957-1993), morto prematuramente de doença imuno supressora (SIDA). Um curto poema para guardar afectos.

José Umbelino Brasil (Bahia, Brasil) no artigo "Meu Compadre Vladimir Carvalho: um homem destinado a filmar" aborda a obra documental de V. Carvalho particularmente o documentário "Cícero Dias: o compadre de Picasso" (2016). Com uma obra que se estende há 60 anos, o filme traça o retrato do pintor pernambucano modernista Cícero Dias (1907-2003).

O texto "(Des)construção de um jogar na obra de Victor Costa", de Diana Costa, de Portugal, aborda o processo criativo e plástico de Victor Costa, artista portuense que parte padrões urbanos monocromos para sobre eles afundar a tinta, a cor, a intensidade pictórica, descobrindo novos significantes, e com eles novas interpelações.

De Rio Grande do Sul, Brasil, Teresinha Barachini apresenta no artigo intitulado "Objeto-roupa: atos de presença" uma reflexão sobre as obras de vestir de Hélio Oiticica (Brasil 1937-1980) e de Lygia Clark (Brasil 1920-1988). O seu artigo sugeriu-nos a capa desta revista e a imagem do Congresso CSO'2017: a foto performática de peças vestíveis de Lygia, de grande poder evocativo, com uma atualidade que o tempo se encarrega de valorizar. O estranhamento e a comunicação, ou a sua dificuldade.

O artigo “Aurélia de Souza: Pelo Brilho da Penumbra” de Raquel Pelayo (Portugal) explora a obra singular de uma mulher pintora do séc. XIX, interrogando a obra “Santo António” num sentido mais profundo.

Susana Piteira, de Portugal, no artigo “Da paisagem, do tempo e do logro na pintura de Domingos Loureiro” apresenta a obra singular deste artista (n. 1977) que explora as texturas e diferenças lumínicas da pedra ou dos materiais para apresentar paisagens materializadas interrogando substâncias e visões.

Ana Maria Albani de Carvalho (Rio Grande do Sul, Brasil) apresenta o texto “Grupo Nervo Óptico: narrativas visuais e ironia na vanguarda artística brasileira” que estuda este grupo de artistas, reunidos em torno de exposições e publicações (as séries Nervo Óptico), activo entre 1976-8, integrando Carlos Pasquetti, Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvarez, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, em Porto Alegre.

O artigo “Henrique Silva: Pintura Transfigurada” de Manuela Bronze (Portugal) apresenta uma perspetiva sobre as séries “Objectos Interactivos” e “Video Arte” do pintor Henrique Silva (n.1933) onde é encontrada uma interatividade plástica que as estrutura.

Inês Andrade Marques (Portugal) no texto “Da tela à parede da fábrica: Edgard Pillet, a arte abstrata integrada e os equívocos na sua aceitação” aborda um autor modernista Francês (1912-1996) que integra a tendência otimista e algo redentora da arte “abstrata” dos anos 40-60, de militância plástica, atribuindo-lhe uma função integrada nos espaços arquitetónicos, em exemplos tão vastos quanto os hangares da Renault ou a parede de 72 metros das tipografias Mame.

O artigo “A obra gráfica de Otacílio Camilo, a reprodução e a rememoração das imagens” de Hélio Fervenza, Rio Grande do Sul, Brasil, apresenta as pequenas xilogravuras de 3x4 cm do artista Otacílio Camilo (1959-1989), produzidas nos anos 80, analisando duas delas em particular, de um possível lirismo pop de uma ressonância afectiva coletiva.

Ana Filipa Simões da Silva, de Portugal, no artigo “Álvaro Siza, escultor” faz uma aproximação à arquitectura de Siza (n. 1933) n seu encontro com a sua vocação de adolescente, a escultura. Acompanha-se o seu percurso de regresso a este meio, faseado, mas consequente, como algumas exposições e instalações demonstram.

Jorge dos Reis, de Portugal, no artigo “As partituras gráficas e sonoras de Ernesto Melo e Castro: sua construção e performance” aborda o percurso e a experimentação, no campo da poesia visual, do autor e eng. têxtil nascido na Covilhã em 1932. A letra converte-se em “ideogramas”, e exploram-se as imperfeições dos significantes.

O artigo "O tempo das coisas em Posta, de Nydia Negromonte" de Janaina Thais Rodrigues Luiz (Brasil) debruça-se sobre a instalação "Posta" de Nydia Negromonte, apresentada na Bienal de São Paulo de 2012. Frutos enclausurados começam a transformar-se, secar, ou a dar origem a novos rebentos que se dirigem para a luz.

4. Uma rede horizontal de afirmação discursiva

A situação da arte é cada vez mais dependente de contextos de participação: há talvez um perigo de tirania urbana, de emergência centrada nas megalópoles (Ardenne, 2006). Mas, após uma leitura atenta, anotamos que rigorosamente, não estão presentes hierarquias, nacionalismos, protecionismos: a rede que se preenche na revista GAMA é uma rede horizontal, que promove um conhecimento equitativo e equidistante.

Este conhecimento inclui uma alegria grata e permanente, pois é um processo mútuo, partilhado e sem fim.

Referências

- Ardenne, Paul. (2006). Un arte contextual: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac. ISBN: 84-96299-40-6.
- Bourriaud, Nicolas (2009) Estética Relacional. São Paulo. Martins Fontes. ISBN 978-85-99102-97-8
- García Canclini, Néstor (2010) *La sociedad sin relato: Antropología y estética de la inminencia*. Buenos Aires, Madrid: Katz Editores. ISBN 978-987-1566-30-3.
- Loureiro, Domingos (2016) *Sublime e Constrangimento*. Tese de Doutoramento. Porto: FBAUP – Universidade do Porto.
- Martín-Barbero, Jesús (2003) *Nuevas claves de la visibilidad social y la creatividad (seminario)*. Bogotá: Universidad Javeriana, Seminario de posgrado. [Consult. 2016-02-24] Disponível em URL: <http://pt.scribd.com/doc/19241339/Seminario-Arte-comunicacion-y-tecnidad>
- O'Neil, Paul & Wilson, Mick (Ed.) (2010) "Curating and the Educational Turn" London: Open Editions. ISBN 978-0-949004-18-5